

UMA HISTÓRIA ENTRE DUAS ERUDIÇÕES. (Reflexões sobre a metodologia histórica atual, em França).

MARIA LÚCIA PERRONE DE FARO PASSOS
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Foi este o tema da conferência (*) realizada pelo Professor Jean Glénisson, no dia 28 de maio de 1976, a convite do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O Professor Glénisson dirige o *Institut de Recherche et Histoire des Textes*, em Paris, e é Diretor de Estudos da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (antiga 6ª Seção da *École Pratique des Hautes Etudes*). De passagem por São Paulo, tivemos a satisfação de ouvi-lo, após vários anos: Professor da Faculdade de Filosofia, em 1958 e 1959, é esta a segunda vez que volta ao Brasil.

Traçando um panorama da metodologia histórica francesa nas últimas décadas, o Professor Glénisson mostrou a evolução que ocorreu dentro da própria *École des Annales*, a qual durante certo tempo, apresentara uma "majestosa unidade" que lhe conferia posição hegemônica dentro da historiografia francesa. Esta unidade não mais existe. A posição atual da *École des Annales* está expressa na obra *Faire de l'Histoire* (1). Percorrendo-a, podemos identificar contribuições as mais diversas: a "História dos *Annales*" está dominada pela influência das demais ciências humanas.

Paralelamente, segundo Glénisson, a ortodoxia marxista fez muitos progressos. *Aujourd'hui l'Histoire* (2), obra essencialmente fundamentada no materialismo histórico, pode ser considerada como o fru-

(*) . — O texto dessa conferência será estampada no próximo número da Revista (*Nota de Redação*).

(1) . — LeGoff (Jacques) & Nora (Pierre), *Faire de l'histoire*, Editions Gallimard, 1974, 3 vols.

(2) . — Berque (Jacques), Bouvier (Jean), Bruhat (Jean) e outros, *Aujourd'hui l'histoire*, Paris, Éditions Sociales, 1974.

to desta evolução. Jovens historiadores "à esquerda da esquerda", por outro lado, querem fazer o que chamam de uma história "util", com objetivos de derrubada da sociedade atual. Assim, a hegemonia dos *Anuales* subsiste ainda, mas já bastante questionada.

Todas estas novas tendências, aliadas à introdução do computador, alteram o panorama de uma metodologia que parecia "adquirida para sempre" (sendo seus maiores representantes, na França, Langlois e Seignobos). O aparecimento do computador reveste-se da maior importância. Desde os tempos de Heródoto, os historiadores satisfaziam-se com fracos recursos e, assim, tivemos um longo período artesanal. Subitamente, o computador questiona tudo, máquina possante de memória infinita, que não se engana, pronta a responder às perguntas dos historiadores.

Mas a máquina, por sua vez, nos impõe suas regras, ao mesmo tempo que permite novas audácias intelectuais; surgirá uma mutação metodológica e conceitual que é um passo adiante em relação à *École des Anuales*. A esta aparelhagem técnica respondeu uma aparelhagem mental. E temos uma verdadeira revolução no campo da documentação.

Podemos nos utilizar da televisão, do rádio, de discos, etc. São os instrumentos de nosso tempo, que levam a uma multiplicação da massa de documentos utilizáveis. Mas a verdadeira revolução documental seria antes política do que técnica. As revoluções de 1789 e 1917, de modo especial, deram o poder às massas. Com isso vem a reabilitação de categorias documentais "oprimidas" até então.

Anteriormente, a fonte essencial era o documento raro, os documentos da diplomacia, as cartas secretas. Agora, a enorme documentação das massas passou às mãos dos historiadores; e em termos de metodologia, os que fazem trabalhos mais avançados são aqueles que se especializam na história dos séculos XVII e XVIII. Por uma razão evidente: são eles que dispõem da documentação mais fácil de operar (os arquivos da administração francesa deste período, por exemplo, são admiravelmente bem feitos, homogêneos). Os documentos são suficientemente numerosos para serem utilizados pelo computador e, ao mesmo tempo, captáveis ainda pelo homem.

Outro aspecto a ressaltar é aquele decorrente do postulado positivista pelo qual a pesquisa correta teria por base o *documento*. Existe, atualmente, uma tendência para se considerar que é preciso partir *do problema*, elaborar antes o questionário que permitirá que se explore a documentação. Quando o mais sensato seria, ainda, partir-se da aceitação de que as fontes "já existem". Elas não foram criadas pelo historiador, mas pelos funcionários, pelos artistas, etc. (A verdade é que elas

foram negligenciadas). Assim, o documento nos levará ao problema, que será comprovado pelo documento.

Com os positivistas, a História era *narração*. Partindo de um documento (de preferência político), estabelecia-se uma relação causal que levava à elaboração do texto. Os *Annales* pulverizaram o acontecimento. Após sua morte, liquidou-se com o fato individual. O historiador quantitativo não dispõe de "fatos", ele dispõe de "dados". Existem ainda os que chegaram à posição segundo a qual não se trata de estabelecer o que é verdadeiro, mas, sim, o "olhar coletivo", ou uma imagem dada, por um contemporâneo, de certa realidade. Para eles, o que importa é saber se os dados são coerentes entre si. Em decorrência, a crítica tradicional se apaga: o problema é como proceder (dupla leitura, re-leitura) de maneira a extrair de um documento aquilo que ele "não diz".

Devemos considerar, por fim, a emergência da "história das mentalidades", que viria substituir a "história econômica", considerada "falida". Em resumo: estamos num período de efervescência em torno da História, de todos os tipos de debates sobre sua metodologia. E o grande paradoxo é o fato de, justamente neste momento, estar a História desaparecendo do ensino secundário e universitário.